

O Simbolismo

BERNARDINO MONTEIRO *

1 — INTRODUÇÃO

No Brasil, êsse nôvo ideal estético se fêz sentir, mais acentuadamente, entre os anos de 1893 a 1922, constituindo-se numa das fases mais importantes da nossa vida cultural. Superou integralmente a arte realista-naturalista e, em grande parte, a poesia parnasiana, investindo sôbre elas numa profunda reação ideológico-filosófico-estética.

A nova concepção de beleza é, essencialmente, anti-realista-naturalista, o que vale dizer: antimonista, anticontista. Isso não quer dizer que o Simbolismo haja destruído tôdas as conquistas e substâncias contidas no ideal antecedente. O que se fêz, por exemplo, no campo da crítica e da historiografia literárias, na fase anterior, desautorizou o nôvo movimento para estabelecer uma reforma nesses setores. Aí, o que se poderia promover, agora, era a ampliação de seus domínios e a correção do caráter cientificista que lhes fôra imprimido, de vez que a conquista anterior era evidente.

Na poesia, em nossa terra, a forma parnasiana continua presente, embora com conteúdo simbolista. É, possivelmente, por tal motivo, que muitos pretendem, errôneamente, apresentar o Simbolismo como um reflexo da poesia Parnasiana, quando, na realidade, êle representa um nôvo ideal de beleza autônomo, uma verdadeira revolução na problemática, na temática e na estilística vigorantes.

* Professor de Inglês do Colégio Nova Friburgo.

Marchando lado a lado com as novas concepções filosóficas — o neo-tomismo, os neo-espiritualismos, o idealismo hegeliano ressurgido, o incognoscível spenceriano, o intuícionismo de BERGSON — êle nos apresenta uma visão e um sentimento do mundo essencialmente espiritualistas. Desvendando os mistérios do mundo do subconsciente e do inconsciente, HARTMANN foi uma das colaborações mais decisivas para a formação da nova estética.

O movimento anterior teve os seus grandes méritos, principalmente o de haver freado a liberdade imaginativa dos românticos, que haviam mergulhado no mais profundo egocentrismo literário. Era preciso que houvesse fidelidade na pintura dos quadros da Natureza, que os românticos deformavam com um subjetivismo exagerado e uma imaginação torcida, dissolvente. Êsse intencionalismo realista na destruição do subjetivismo excessivo dos seus antecessores conduziu, contudo, os reformadores ao outro extremo: o objetivismo absoluto. A atitude impassível, com relação à Realidade, foi cansando autores e leitores, e foi precisamente contra ela que se ergueu o nôvo ideal, ajudado mesmo, até certo ponto, pela exaustão de alguns realistas e parnasianos já ávidos de novidades estéticas.

A poesia Parnasiana, entretanto, não foi inteiramente superada. Como veremos, o Parnasianismo deitou raízes profundas no espírito poético brasileiro.

2 — ORIGENS REMOTAS

A origem do Simbolismo tem sido assunto de grandes controvérsias. Defendemos que êsse ideal de beleza é imanente ao homem. Nasce com êle, que em todos os tempos, em virtude de sua natureza, quer falar do espiritual, do transcendental, tendo, por conseguinte, de lançar mão de símbolos para alcançar êsse objetivo de ordem ontológica. Há, portanto, Simbolismo, onde quer que haja um profundo sentimento religioso. Êle estará presente onde houver um movimento espiritualista, evocando a Realidade assensorial.

O crítico e sociólogo francês, ROGER BASTIDE, apresenta-nos PLATÃO, com a sua "Teoria das Idéias Eternas", como o primeiro simbolista que o mundo conheceu: "Este mundo é uma deformação do mundo de onde veio a nossa alma". A alma, encarcerada no corpo, sente uma ânsia infinita de liberdade, um ímpeto imenso de voar pela amplidão da eternidade cheia de luz e de Deus. O homem da caverna, contudo, já era simbolista quando, no seu primitivismo, exprimia a saudade dos entes queridos que partiam, esculpindo ou pintando pássaros de longas asas nas paredes dos seus esconderijos. A arte hermética é, portanto, anti-quíssima; nasceu com a poesia. Se Adão foi o primeiro poeta do mundo, conheceu, certamente, o poder sugestivo das expressões herméticas.

Sem o caráter de corrente artística, o Simbolismo atravessou triunfante tôda a Idade Média, atingindo seu apogeu com a *Divina Comédia*, de DANTE. Ela está plena de Simbolismo: céu, inferno, purgatório, figuras angélicas, telúricas e almas.

Durante o Renascimento, o Simbolismo foi abafado pela obra humanista, dirigida por normas rigorosas para atingir seu ideal estético. Esse humanismo vivia mergulhado no paganismo da antigüidade greco-romana. Foram dois séculos de domínio classista (séculos XVI e XVII). Em alguns mosteiros e conventos, entretanto, o Simbolismo confirmou dando seus frutos, como, por exemplo, nas obras de SANTA TERESA e nas de SÃO JOÃO DA CRUZ. SHAKESPEARE foi essencialmente simbolista, haja vista suas inúmeras figuras irreais.

No século XVII, o Barroco o apresentou confusamente, não conseguindo realizá-lo. O Romantismo tentou fazê-lo renascer, conseguindo-o até certo ponto. Mas, para tal, foi necessário que o movimento realista-naturalista o provocasse e exigisse sua presença em todo seu esplendor.

Até aqui êle se confunde com a vertente da arte dinâmica romântica, de que é parcialmente originário.

3 — A ORIGEM DO MOVIMENTO

- a) Contribuições literárias: BRENTANO, EICHENDORFF, HOFFMAN, COLLERIDGE, POE.

Outro ponto que tem suscitado muitas discussões é o da origem do Simbolismo como movimento artístico, que predominou após a escola realista-naturalista, e preparou o advento do Modernismo.

Sua origem, como ideal estético que tomou vulto nas últimas décadas do século passado, encontra-se no alto romantismo alemão. A via foi: Alemanha, Inglaterra, daí Estados Unidos e, finalmente, França, onde ele assumiu o caráter de escola, expandindo-se, então, pela Europa e pela América.

Foram os franceses, portanto, que ressaltaram suas características estéticas, no sentido de imprimir um caráter de corrente artística e literária, uma feição de arte dirigida, àquelas tendências já predominantes no Romantismo alemão e em certos artistas ingleses imbuídos daquele ideal de beleza.

Injustificável é que se reclame para os franceses a conquista das principais substâncias estéticas contidas na arte simbolista.

Para comprovarmos a procedência dessa afirmação, torna-se imprescindível o esboço de um quadro dos caracteres estéticos de alguns autores "simbolistas" do romantismo alemão, bem como o daqueles que se deixaram tocar por essas substâncias de beleza, dando continuidade àquelas idéias que a França haveria de semear por todo o mundo ocidental.

Retornemos, pois, ao alto romantismo alemão, para depois sintetizarmos a poesia de COLLERIDGE, a de EDGAR ALLAN POE e entrarmos no movimento simbolista com CHARLES BAUDELAIRE.

BRENTANO — O grande romântico — simbolista do *Lore Lay* e do *Die Lustigen Musikanten* imprimia à sua poesia um alto poder sugestivo, que fluía de uma expressiva musicalidade e de uma riquíssima imagística. Seu ritmo é extraordinário. BRENTANO é de um temperamento místico e sensual. Êle mergulha na música e na pintura essas tendências opostas, e delas extrai a essência de sua poesia. Seus versos sonoros são núcleos de imagens coloridas e ardentes. Nêles há sempre evocação, numa fusão perfeita de sons e côres. Na música está o ponto máximo de sua estética simbólica, contemplativa. Sua obra foi uma afirmação *De la musique avant toute chose*. Essa mesma musicalidade está presente no seu conto fantástico, onde a imaginação criadora une-se à magia poética, numa fusão perfeita. BRENTANO foi o maior poeta contista do romantismo alemão e um dos maiores do mundo.

EICHENDORFF — Na obra de FREIHERR JOSEF VON EICHENDORFF a musicalidade vai assumir, igualmente, um papel preeminente. Êle a haure da natureza física, dos animais; enfim, de tôdas as coisas, pois êle a ouvia em tudo que há no universo:

“Schlaeft ein Lied in allen Dingen,
Die da traeuem fort und fort
Und die Welt hebt an zu singen,
Triffst du nur das Zauberwort.”

“Dorme uma canção em tôdas as coisas,
Que sonham por aí, perpétuamente,
E o mundo começa a cantar,
Basta que se toque a palavra mágica.”

No conto de EICHENDORFF cantam os bosques, os pássaros, gemem os ventos, murmuram os rios e os animais. Tudo se movimenta numa harmonia perfeita. Ê a sinfonia esplendorosa da natureza, que o poeta ouve e procura estetizar na sua obra. A natureza é, para êle, a evocação do sobrenatural. Ela está despertando nêle a imagem de Deus.

A grande espiritualidade do poeta determina sua poesia simbólica. Sua alma é como um pássaro sonoro, que vai num vôo sereno pela amplidão do firmamento em busca do Supremo:

“Und meine Seele spannte
Weit ihre Fluegel aus,
Flog durch das stille Land,
Als floege sie nach Haus.”

“E minh'alma estendeu,
Amplamente, as asas para voar;
Vôou pela terra silenciosa,
Como se voasse para casa.”

HOFFMANN — ERNST THEODOR AMADEUS VON HOFFMANN realiza-se como artista e homem de grande versatilidade e talento: músico, pintor, desenhista, literato e, ainda, desempenhando algumas profissões civis. Em cada uma de suas facêtas êle projeta um romantismo cheio de vigor. Autor de óperas, quadros, novelas e de célebres contos que encerram ensinamentos morais verdadeiramente horacianos.

COLLERIDGE — Deixou-se tocar profundamente por essas líras sonoras e plenas da magia do crepúsculo e da noite prateada, de imagens coloridas e sugestivas, que fluíam da fonte inexaurível da natureza. Repare-se na musicalidade e na imagística dêsses versos lapidares de COLLERIDGE, no seu *Answer to a Child's Question*:

“Do you ask what the Birds say? The Sparrow, the Dove,
The Linnet and Thrust say, “I love and I love!”
In the winter they're silent — the wind is so strong;
What it says I don't know but it sings a loud song.
But green leaves, and blossoms, and sunny warm weather,
And singing, and loving, all come back together.

"But the Lark is so brimful of gladness and love,
The green fields bellow him, the blue sky above,
That he sings, and sings; forever he sings
If love my love and my love loves me!"

Êsse mesmo tom suave e sonoro de COLLERIDGE vai derramar-se no *Israfael*, na *Annabel Lee* e nas outras realizações poéticas de EDGARD ALLAN POE. POE se deixou influenciar fortemente pela poesia de COLLERIDGE, bem como pela do chamado alto romantismo alemão: HARTMANN, HOFFMAN, BRENTANO, EICHENDORFF, NOVALIS e outros.

Pena que os poetas românticos ingleses, na sua maioria, não tenham herdado o equilíbrio e a elevação espiritual que tanto caracterizaram suas fontes germânicas. O conteúdo ideológico da obra total dos românticos ingleses é, por vêzes, pessimista e dissolvente. BYRON e SHELLEY foram por vêzes, pessimistas e dissolventes. BYRON e SHELLEY foram autênticos herdeiros do fenômeno *Weltschmerz*, verificado no romantismo germânico agonizante, principalmente na obra de LENAU, que reflete uma vida sem finalidade, em virtude de um constante conflito interior. Nesses cultores dessa poesia desagregadora sente-se a ausência do espírito sereno de um EICHENDORFF, cuja filosofia católica, como o canto de um pássaro, dava uma nota sempre alegre a sua poesia. Essa filosofia de vida do grande poeta alemão exalava suavemente dos seus versos, como o aroma das flôres. O Belo está contido na própria essência do Bem e da Verdade. O tédio dos ingleses resulta, possivelmente, da ausência de uma filosofia segura, de uma visão sadia da vida.

POE — Tanto nos poetas ingleses como em POE e BAUDELAIRE, a musicalidade e o ritmo constituem-se num dos fatores principais de sua poesia. A música, trazendo em si magníficos efeitos sugestivos, dá mais vigor às imagens.

Atente-se para a força e a magia que o ritmo e a musicalidade exercem sôbre esta última estrofe da *Annabel Lee*

de POE, dando um colorido todo especial a sua estética. Os efeitos sonoros sugerem saudade e tristeza.

“For the moon never beame, without bringing me dreams
Of the beautiful Annabel Lee;
And the stars never rise, but I feel the bright eyes
Of the beautiful Annabel Lee;
And so, all the night-tide, I lie down by the side
Of my darling, my darling, my life and my bride,
In the sepulcher there by the sea,
In her tomb by the sounding sea.”

POE pode ser considerado como uma das fontes do simbolismo norte-americano, bem como do mundo. Êle foi incompreendido nos Estados Unidos de seu tempo. A sua obra representa o mesmo desafio à lógica e ao realismo-naturalista que o simbolismo iria depois representar. Para comprová-lo basta que se atente para sua imagística hermética, cheia de encantamento, e para o ritmo e a musicalidade que tanto movimentam sua poesia, como, por exemplo, nos poemas *Israfael*, *Eldorado*, *To one in Paradise*, *The city in the sea*, onde o sentido simbólico se deixa ver no próprio título das poesias. Êle usa letras maiúsculas em *To one in Paradise*: “. . . A voice from the future cries: On! On! But o'er the Past. . .” e, pouco além, “. . . The light of Life is o'er . . .”. COLLERIDGE também o faz quando quer reforçar as palavras, dando-lhes maior vigor. Êsse nôvo elemento poético foi muito empregado pelos simbolistas e ressaltado na *Art Poétique* de VERLAINE. Acredita-se mesmo que as letras maiúsculas tenham sido inspiradas nos substantivos alemães, que são sempre maiúsculos.

b) A simbologia romântica alemã.

A simbologia encontrada em alguns românticos alemães representa mais um elemento estético essencial da poesia simbolista. No romance *Otterdingen* de NOVALIS, seu herói, peregrino solitário e cheio de saudade, sonha com a “Flor azul”, que se tornou o símbolo da poesia romântica

alemã. O azul é a côr evocativa da longitude infinita, da solidão, do sonho, da saudade. Enquanto a música, pelo seu alto grau de subjetividade, procura simbolizar o Supremo, a pintura vai ao encontro da natureza para espelhar sua obra. O poeta buscava a união das duas artes.

Outra criação bastante significativa da simbologia romântica alemã é a figura do mineiro que penetra no interior da terra em busca dos valôres ocultos. Não se trata de refletir sòmente o que se vê diante de si, mas aquilo que se oculta dentro de si. A música e a pintura se unem para que os sons e as côres reflitam o nosso mundo interior.

O *Einkehr* de UHLAND é um exemplo típico da poesia romântico-simbolista do alto romantismo alemão. Deus é representado por uma macieira, cuja copa imensa abriga e alimenta os pássaros, o espírito do homem:

“Es kamen in sein gruenes Haus
Viel leichtbeschwingte Gaeste,
Sie sprangen frei und hielten Schmaus
Und sangen auf das Best. . .”

Usando ainda símbolos, o poeta faz um louvor de gratidão ao Senhor na última estrofe:

“ . . . Nun fragte ich nach der Schuldigkeit,
Da schuettelt er den Wipfel;
Gasegnet sei er allerzeit,
Von der Wurzel bis zum Gipfel.”